



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A PRÁXIS CRISTÃ PRIMITIVA COMO MODELO PARA O CRISTIANISMO PÓS-MODERNO

Primitive Christian Praxis as a Model for Post Modern Christianity

*Jefferson Roberto Batista dos Santos*¹

Resumo:

Em um período de decadência moral e espiritual torna-se altamente necessário buscar modelos de prática baseados nos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos, procurando pautar nossa conduta social e eclesiástica de acordo com tais ensinamentos. A teologia se ocupa não apenas da apreensão e propagação do conhecimento a respeito das coisas de Deus, mas também da orientação de como colocar esses conhecimentos em prática. Este artigo ocupa-se de analisar a práxis da Igreja Primitiva em busca das características que fizeram dela um modelo a ser seguido pelos cristãos pós-modernos, propondo uma reflexão que norteie a práxis cristã na atualidade. Para isto faremos uma análise do capítulo 2 de Atos dos Apóstolos, através de uma abordagem devocional apoiada em uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave:

Igreja Primitiva. Cristianismo. Pós-modernidade.

Abstract:

In a period of moral and spiritual decadence it becomes highly necessary to seek models of practice based on the teachings of Jesus and of the apostles, seeking to guide our social and ecclesiastical conduct according to these teachings. Theology concerns itself not only with apprehending and propagating knowledge about the things of God, but also orientation as to how to put this knowledge into practice. This article occupies itself with analyzing the praxis of the Primitive Church seeking the characteristics which made her a model to be followed by post-modern Christians, proposing a reflection which can guide Christian praxis in current times. For this we will do an analysis of chapter 2 of the Acts of the Apostles, through a devotional approach supported by bibliographic research.

Keywords: Primitive Church. Christianity. Post-modernity.

¹ Mestrando em Teologia (Intra-corpus) pela Escola de Teologia do Espírito Santo - ESUTES, Bacharel em Teologia (Intra-corpus) pelo ITG, Graduando em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista PIBID – CAPES/UNIRIO. Integrante da Liga Acadêmica de Estudantes de Graduação em História Antiga (LAEGHA/UNIRIO). Atualmente é Coordenador Teológico do Instituto Bíblico Boa Semente. Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Contato: jeffersonsantossensino@gmail.com.

Considerações iniciais

Este artigo tem por objetivo analisar a práxis da Igreja Primitiva, propondo uma reflexão que norteie a prática da Igreja na atualidade, através de uma breve análise do capítulo 2 do Livro dos Atos dos Apóstolos, com uma proposta devocional.

Neste artigo usaremos o termo Igreja Primitiva para definir a Igreja do primeiro século da era cristã que seguia de perto os passos do Mestre através dos ensinamentos dos apóstolos, nos concentrando especialmente na práxis da comunidade cristã formada em Jerusalém após os acontecimentos do dia de pentecostes com a conversão de quase três mil pessoas.

Em Mateus 16. 18 Jesus declara que edificaria a Sua Igreja sobre a revelação de que Ele é o Cristo, o Filho de Deus. Mais adiante no versículo 24 Ele diz que quem quisesse segui-lo deveria renunciar-se, tomar a sua cruz e, só então, segui-lo.

No Livro dos Atos dos Apóstolos Lucas relata que após a Sua ressurreição Jesus dá ordem expressa aos discípulos para que permanecessem em Jerusalém até que recebessem o poder do Espírito Santo que os capacitaria para testemunharem de Cristo, inclusive em terras distantes (At 1.8).

No capítulo 2 de Atos vemos o cumprimento da promessa do capítulo 1, marcada pela oportunidade de testemunharem a pessoas de várias nacionalidades, graças à capacitação dada pelo Espírito Santo de anunciarem as maravilhas de Deus nas línguas maternas dos presentes (At 2. 1 – 11). Tal episódio gerou grande curiosidade e perplexidade, criando a oportunidade para Pedro anunciar o Evangelho àquela multidão, resultando na conversão e batismo de cerca de três mil pessoas (At 2. 12 – 41).

A PRÁXIS EXEMPLAR DA IGREJA PRIMITIVA

Os versículos finais do capítulo 2 (42 – 47) nos relatam as características da Igreja do primeiro século da era cristã. Características essas que fazem dela um modelo a ser seguido por todos os cristãos em todos os tempos. A seguir passaremos a analisar nove dessas características, extraídas dos referidos versículos:

Fidelidade aos ensinamentos dos apóstolos

Os apóstolos haviam aprendido com Jesus a importância das Escrituras, não apenas decoradas, mas, colocadas em prática e introduziram no âmago da Igreja que ia florescendo o ensinamento das Escrituras e dos princípios ensinados por Jesus, os quais eram seguidos diligentemente pela Igreja. Stott² destaca o fato desta ser a primeira característica citada por Lucas e afirma que esses crentes tinham fome da verdade e queriam aprender tudo o que fosse possível, não se contentando apenas com a presença do Espírito Santo como fonte do conhecimento da verdade. Não havia entre eles o entendimento de que pelo fato de terem recebido a plenitude do Espírito Santo poderiam prescindir dos mestres humanos, destaca ainda que uma igreja cheia do Espírito Santo é uma igreja bíblica.

² STOTT, John. *Sinais de uma Igreja Viva: As marcas de uma Igreja cheia do Espírito Santo*. São Paulo: Abu, 2005.

Uma igreja só será forte e relevante se viver de acordo com a Palavra. As Escrituras sendo a nossa regra de fé e prática devem ser sistematicamente ensinadas e sua obediência largamente estimulada no seio da Igreja de Cristo.

Vida de comunhão

Os crentes do primeiro século comiam juntos, oravam juntos, se reuniam no templo e nas casas, se reuniam para celebrar a Ceia do Senhor, em suma, viviam em constante comunhão, o que faziam com alegria e *sinceridade de coração*.

A comunhão (koinonia), traduzida como amor cristão na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, é também uma característica que identifica uma igreja forte e relevante, uma igreja só crescerá de forma saudável se houver no meio dela um forte sentido de comunhão, uma igreja que não vive em comunhão não deve nem mesmo considerar-se cristã, uma vez que esta é intrínseca ao cristianismo. Para Stott³ os cristãos estão, além do compromisso com Cristo, unidos por um compromisso entre si. Barreto⁴ afirma que a comunhão desempenhou um caráter central na organização interna da comunidade cristã primitiva, servindo de pano de fundo para a constituição da identidade cristã

Temor

O versículo 43 afirma que todos os primeiros crentes eram tementes a Deus, ou seja, tinham por Ele um grande respeito que direcionava suas atitudes à obediência e ao comprometimento com a Sua Palavra.

O temor é indispensável aos crentes, ele torna-nos sábios e estimula-nos a viver em santidade e obediência a Deus. Para Dawson, “o temor do Senhor consiste em aborrecer o mal”,⁵ o que seria, segundo ele, ter sempre a mesma atitude que Deus em relação ao pecado. Dawson afirma ainda que o temor está estreitamente ligado à obediência, pois o mesmo se evidencia em nossas vidas por meio da obediência total, imediata e cheia de alegria.

Vida de oração

A Igreja Primitiva era perseverante em oração, diante de qualquer dificuldade que encontravam, a qualquer decisão que precisavam tomar, enfim, todas as vezes que se reuniam oravam, colocando sempre Deus à frente de suas decisões. Suas ações só eram realizadas após a resposta de Deus e por isso eram bem-sucedidos.

A oração é uma atitude fundamental e imprescindível para todos os seguidores de Cristo. Ela demonstra a nossa dependência de Deus. O Novo Testamento nos adverte inúmeras vezes a mantermos uma vida de oração, devemos através dela levar a Deus nossas petições e súplicas, fazendo as nossas necessidades conhecidas por Deus, e essa atitude de oração deve ser constante. O próprio Senhor Jesus dedicou-se a uma vida particular de oração, além de orar com seus discípulos e ensiná-los a orar.

Ajuda aos necessitados

³ STOTT, 2005.

⁴ BARRETO, Alfredo Rafael Belinato. Koinonia cristã: pressuposto hermenêutico da comunidade primitiva dos atos dos apóstolos. *Anais Congresso de Teologia da PUCPR*, Curitiba, v. 10, p. 412 – 427, 2011.

⁵ DAWSON, Joy. *Intimidade com Deus no Temor do Senhor*. Belo Horizonte: Betânia, 1989. p. 12.

Os crentes do primeiro século não viam o que possuíam como sua possessão particular, mas, pelo contrário, repartiam o que tinham uns com os outros, chegando ao ponto de vender bens e propriedades para serem distribuídos conforme as necessidades de cada um. Isso se deve ao fato, segundo Auma, de que as comunidades primitivas buscavam colocar em prática os preceitos do evangelho, uma vez que a Boa Nova proclamada por Jesus estava relacionada ao partilhar de bens.⁶ Ainda de acordo com Auma⁷ esta era uma prática voluntária e não buscava a equalização da propriedade, somente os necessitados recebiam, cada um de acordo com a sua necessidade (Atos 4. 34), devido a essa atitude não havia entre eles nenhum necessitado.

Tiago nos adverte que a fé sem a obras é morta e que, também, é necessário demonstrar a fé através das obras; mostrando-nos a importância e a necessidade de ajudarmos aqueles que estão de alguma forma necessitados. Segundo Auma para os cristãos primitivos a espiritualidade e a responsabilidade social eram inseparáveis.⁸ Barreto⁹ ao discorrer sobre esta característica afirma ser ela o elemento que manifesta a índole histórica da fé cristã, o espaço onde o âmbito doutrinário se expressa na prática, formando a identidade comunitária na Igreja Primitiva. Neste sentido faz-se urgente pôr-se em prática a orientação de Tiago e não sermos apenas ouvintes, mas também praticantes da Palavra.

Louvor

O louvor e a adoração faziam parte constante da vida e do culto da Igreja Primitiva. Expressões como salmos, hinos, cânticos, cantar, catando, salmodiando, etc. encontradas ao longo do Novo Testamento nos mostram como a prática do louvor e da adoração faziam parte da vida dos crentes do primeiro século, até na prisão eles louvavam.

Santos afirma que a Igreja Primitiva olhava para a adoração como uma atividade diária e constante.¹⁰ Para Earey, “a adoração não era um tempo separado na vida diária; ela era a própria vida diária.”¹¹

De acordo com Harrison (1960) “nenhuma ofensa a Deus se compara com o ato de negar sua singularidade e transferir a outro o reconhecimento [adoração] devido a ele.”¹²

O louvor e a adoração são indispensáveis à vida da igreja e dos crentes, por meio deles nos rendemos ao senhorio de Cristo e reconhecemos o Seu agir em nossas vidas, reconhecemos que tudo o que temos e somos vem do Senhor e por isso somos gratos a Ele e manifestamos essa gratidão através de nossas atitudes de louvor e adoração.

Conduta irrepreensível

⁶ AUMA, Paul Okoth. A economia de generosidade completa: um estudo exegético a partir da comunidade cristã de Jerusalém (ATOS 4. 32-37). *Anais Congresso da Anptecre*, Curitiba, v. 5, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15392&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 01 set. 2017.

⁷ AUMA, 2015.

⁸ AUMA, 2015.

⁹ BARRETO, 2011.

¹⁰ SANTOS, Valdeci dos. Refletindo sobre a adoração e o culto cristão. *Revista Fides Reformata*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 137-148, 1998. p. 389 – 399.

¹¹ EAREY, 1998 apud SANTOS, 1998, p. 390.

¹² HARRISON, E. F. Worship. In: HARRISON, E. F.; BROMILEY, G. W.; HENRY, C. F. H. *Baker's Dictionary of Theology*. [S.l.]: Grand Rapids: Baker Book House, 1960. p. 561.

Tudo o que faziam era com sinceridade e alegria, tinham tanto prazer no que faziam e faziam de tão boa vontade que essa sua atitude atraía a simpatia do povo, fazia com que eles caíssem na graça do povo. As pessoas viam que o meio onde eles conviviam era um ambiente agradável e que aqueles crentes eram pessoas com as quais valia a pena se relacionar. Auma expressa que o modo de ser e viver deles, aliados aos milagres realizados pelos apóstolos cativavam o povo, ainda segundo o referido autor, a comunidade de Jerusalém não era um grupo fechado, pois se assim fossem deixariam de ser testemunhas de Deus.¹³

Esse talvez seja um dos maiores segredos da Igreja Primitiva e que todas as igrejas precisam reproduzir: um ambiente agradável formado por pessoas simpáticas e agradáveis possibilitando que os ‘ímpios’ acreditem que vale a pena viver naquele meio, desejando conviver com aquelas pessoas. Só assim, tendo esta característica, somada às anteriores, a Igreja será plenamente capaz de cumprir a Grande Comissão do nosso Senhor Jesus Cristo.

A comunhão, a alegria, o amor, a disponibilidade e a simpatia que eles tinham eram tão contagiantes que além de atrair a simpatia do povo o compeliavam a juntar-se a eles. E diariamente se juntavam a eles os que iam sendo salvos.

Esta é outra característica desejável a qualquer igreja: conversões genuínas geradas pelo Espírito Santo, através, não somente das palavras, mas, acima de tudo, da vida e do testemunho de cada crente que forma a comunidade local. Pessoas que conhecem Cristo, vivem em tamanha comunhão com Ele que o fazem conhecido através de suas próprias vidas e atitudes. Stott salienta que o ensinamento, o testemunho diário e o amor aos demais, vivenciados e demonstrados pela igreja do primeiro século foram os meios que Deus usou para fazer Sua mensagem chegar ao mundo.¹⁴

Não quero aqui dizer que a Igreja Primitiva era perfeita, pelo contrário, existiam exceções como Ananias e Safira que quiseram se promover fingindo uma liberalidade que não existia, mentindo ao Espírito Santo (Atos 5. 3-5); alguns crentes de Tessalônica que se aproveitaram do ambiente de ajuda mútua e de esperança da volta imediata de Jesus para viverem no comodismo desfrutando das contribuições da Igreja e, assim, não trabalharem (II Tessalonicenses 3. 6 -13). Existiam aqueles que cometiam atos tão abomináveis que Paulo chegou a aconselhar que fossem retirados do convívio da Igreja. Existiam aqueles que negligenciavam a vida de oração.

O grande exemplo desta realidade são as cartas às sete igrejas da Ásia em que a maioria tinha deixado se infiltrarem práticas contrárias às ensinadas pelos apóstolos. Porém, a todas as que foram encontradas em falta Deus enviou-lhes um convite ao arrependimento, ansioso de que ouvissem o que o Espírito dizia às igrejas.

OS DESAFIOS DA IGREJA NA PÓS-MODERNIDADE

De acordo com Ayres, a pós-modernidade tem como marca o superficialismo, o relativismo, a pluralidade e a negação da verdade absoluta.¹⁵ Aguiar, ao citar este trecho de Ayres, complementa afirmando que sem verdade não há um padrão que possa ser um referencial para as pessoas.¹⁶ Essa marca citada por Ayres, infelizmente, tem influenciado a igreja, tornando os relacionamentos cada

¹³ AUMA, 2015.

¹⁴ STOTT, 2005.

¹⁵ AYRES, Jonas. *A igreja no horizonte pós-moderno*. São José dos Pinhais: NAPEC, 2011.

¹⁶ AGUIAR, Claudio José Bezerra. *A igreja de Cristo no contexto pós-moderno: representações e finalidades*. *Anais Congresso da Anptecre*, Curitiba, v. 5, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15714&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso e: 04 jul. 2018.

vez mais superficiais, promovendo o liberalismo teológico e negando a exclusividade das Escrituras em matéria de fé e prática. Pedrosa diz que a ausência de verdade absoluta e a relativização da verdade abrem caminho para muitas verdades que são deixadas a critério do ouvinte, com isso o cristianismo também mudou, não sendo mais o mesmo.

A Igreja Pós-moderna tem se afastado cada vez mais do referencial deixado pelas comunidades cristãs primitivas. O estudo sistemático das Escrituras, bem como o empenho em coloca-las em prática têm dado lugar a práticas e doutrinas incompatíveis com os preceitos das Escrituras.

As reuniões de oração têm se tornado cada vez mais raras, tornando a Igreja cada vez mais fraca e despreparada.

O louvor e a adoração a Deus têm dado lugar a shows e exposições, ao invés de dar glória a Deus têm-se buscado a glória para si. Sobre isso bem relata Fromholz “a adoração moderna é para e sobre o adorador. Ela se esconde numa falsa declaração de adorar a Deus quando os desejos pessoais são o alvo”.¹⁷

A comunhão tem dado lugar ao individualismo, ao orgulho e à “teologia da vingança”¹⁸, os relacionamentos nas comunidades de fé têm se tornado cada vez mais superficiais e as atitudes dos cristãos atuais têm mais afastado do que atraído os que são de fora. De acordo com Washer (2011), a falta de consistência no conteúdo das atividades realizadas pela igreja faz com que não consigam manter os crentes dentro dela; ela tem apenas se mantido equilibrada, à medida que o número de pessoas que entram é o mesmo que sai.¹⁹

Aguiar salienta que é necessário que a igreja crie uma identidade compatível com as Escrituras, porém a postura que ela tem apresentado é incondizente com o que Cristo espera (AGUIAR, 2015). Temos sido orgulhosos, preconceituosos, egoístas, temos estado divididos contra nós mesmos. O ponto de vista teológico, a tradição denominacional e o posicionamento individual têm estado acima do sentido de união e comunhão que permeavam a Igreja Primitiva. Ao invés de pessoas serem atraídas à Igreja as que estão dentro estão sendo repelidas. Para Walsh oferecer respostas que respeitem a cultura é desafiante para a igreja, porém não se pode conceber respostas superficiais e equivocadas que parecem levar o povo para Deus, mas o levam à direção oposta.²⁰

Enquanto nossas igrejas e cada um de nós individualmente não seguirmos o modelo da Igreja Primitiva, jamais alcançaremos os mesmos resultados. Enquanto estivermos mais preocupados conosco, com as nossas estruturas eclesiásticas e com a nossa tradição denominacional do que com os necessitados jamais alcançaremos o status de igreja genuína e nem os resultados almejados.

Na pós-modernidade os cristãos não devem esperar que a igreja da qual eles fazem parte venha mudar. Eles devem lembrar que eles fazem parte de uma igreja maior que uma denominação, a igreja de Cristo. A responsabilidade de cada crente individual é deixar a sua marca como igreja do Senhor para construção de um mundo melhor. O compromisso de ter uma vida pautada nas escrituras, uma vida transformada, viver em amor e servir ao próximo é de cada um que tenha a certeza de fazer parte da imensurável igreja do Mestre Jesus Cristo. O que as pessoas estão precisando não é de belos hinos, pregações

¹⁷ FROMHOLZ, Jeff. *Neo-baalismo*: quando adoração não é... São Paulo: GB, 1998. p. 36.

¹⁸ Utilizo este termo para fazer referência a uma prática muito em voga, especialmente nos chamados “corinhos de fogo” de desejar vingança contra pessoas que eventualmente as tenham lesado de alguma forma, utilizando para isto o nome e a Palavra de Deus.

¹⁹ WASHER, Paul. *10 acusações contra igreja moderna*. São José dos Campos: FIEL, 2011.

²⁰ WALSH, Brian J. et al. *Lá visión transformadora*: la conformación de una cosmovisión cristiana. Barcelona: CLIE, 2006.

motivacionais, templos magníficos, a sociedade precisa é de uma igreja (pessoas) que conheça as escrituras e viva-a em sua prática diária.²¹

Deus nos chama para vivermos uma vida de santidade, temor, comunhão, oração, louvor e adoração. Devemos viver de forma tal que nossas atitudes sirvam de exemplo e nossa vida proclame as maravilhas de Deus. O grande desafio da igreja pós-moderna é preservar os princípios da Palavra de Deus vivendo uma vida que agrade a Deus e seja relevante para os seus membros e para a sociedade onde está inserida, tal qual a Igreja Primitiva.

Considerações finais

Através deste estudo concluímos que a práxis da Igreja Primitiva era baseada acima de tudo nos ensinamentos de Cristo transmitidos pelos apóstolos e no anseio de cumprir os preceitos do evangelho. Desta forma, seguindo o exemplo de Cristo e dos apóstolos os crentes das primeiras comunidades cristãs, em especial a de Jerusalém, mantiveram uma práxis exemplar que era admirada pelos de fora da comunidade cristã, sendo a sua principal ferramenta de proclamação das boas novas de Cristo, não por palavras bonitas e longos discursos e sim através de uma conduta inabalável.

Assim, conclui-se que se quisermos ostentar o status de igreja genuína de Cristo Jesus devemos seguir os passos da Igreja Primitiva obedecendo fielmente os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, buscando sempre agradar a Deus e ser relevantes na sociedade onde estamos inseridos como igreja de Cristo, sendo a luza que brilha nas trevas e vencendo os desafios de viver os princípios bíblicos em nosso tempo pós-moderno.

Referências

AGUIAR, Claudio José Bezerra. A igreja de Cristo no contexto pós-moderno: representações e finalidades. *Anais Congresso da Anptecre*, Curitiba, v. 5, p. ----, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15714&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso e: 04 jul. 2018.

AUMA, Paul Okoth. A economia de generosidade completa: um estudo exegético a partir da comunidade cristã de Jerusalém (ATOS 4. 32-37). *Anais Congresso da Anptecre*, Curitiba, v. 5, p. ----, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15392&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 01 set. 2017.

AYRES, Jonas. *A igreja no horizonte pós-moderno*. São José dos Pinhais: NAPEC, 2011.

BARRETO, Alfredo Rafael Belinato. Koinonia cristã: pressuposto hermenêutico da comunidade primitiva dos atos dos apóstolos. *Anais Congresso de Teologia da PUCPR*, Curitiba, v. 10, p. 412 – 427, 2011.

DAWSON, Joy. *Intimidade com Deus no Temor do Senhor*. Belo Horizonte: Betânia, 1989. 128 p.

²¹ AGUIAR, 2015, p. 7.

EAREY, M. Worship – What Do We Think We Are Doing. *Evangel 16* (Spring), v. 16, p. 10, 1998. Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/evangel/16-1_007.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2018.

FROMHOLZ, Jeff. *Neo-baalismo: quando adoração não é...* São Paulo: GB, 1998.

HARRISON, E. F. Worship. In: HARRISON, E. F.; BROMILEY, G. W.; HENRY, C. F. H. *Baker's Dictionary of Theology*. [S.l.]: Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

SANTOS, Valdeci dos. Refletindo sobre a adoração e o culto cristão. *Revista Fides Reformata*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 137-148, 1998. p. 389 – 399.

STOTT, John. *Sinais de uma Igreja Viva: As marcas de uma Igreja cheia do Espírito Santo*. São Paulo: Abu, 2005. 72 p.

WALSH, Brian J. et al. *Lá visión transformadora: la conformación de una cosmovisión cristiana*. Barcelona: CLIE, 2006.

WASHER, Paul. *10 acusações contra igreja moderna*. São José dos Campos: FIEL, 2011.